

BNCC E A LEITURA: CONSTRUÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO-REFLEXIVO NO LIVRO DIDÁTICO PORTUGUÊS: CONEXÃO E USO¹

Nayra de Paiva Oliveira²
Diego do Carmo³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise da primeira unidade do livro didático Português: conexão e uso - 6º ano, verificando se as questões apresentadas contribuem para o desenvolvimento de uma leitura crítico-reflexiva, em que o aluno leia não só do que está explícito no texto, mas questione sua realidade e faça uma reflexão sobre o mundo em que vive. Como referencial teórico sobre a leitura, foram utilizados autores como: Freire (1987), Martins (1992), Kleiman (1999) e Castela (2011). Além desses autores, será apresentado brevemente o eixo leitura na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Com esta breve análise, pode-se perceber que o material didático insere, nas suas propostas de atividades, tópicos e problematizações relevantes para a vivência do aluno, a exemplo do preconceito, do *bullying* e do respeito, contribuindo para a construção de um sujeito crítico-reflexivo.

Palavras-chave: Leitura. Livro didático. BNCC.

INTRODUÇÃO

A leitura como conhecimento de palavras e decifração do código escrito pode ser considerada incompleta, visto que, para a compreensão do texto, é necessário entender além do que está explícito. Quando uma criança começa seu processo de aprendizagem, ela já tem conhecimentos de mundo. Estes não devem ser ignorados, mas aproveitados pelo professor para construir novos saberes. Para isso, o professor pode trabalhar com conteúdos que fazem parte da vida do aluno, motivando-o para que desperte uma visão diferente e crítica sobre o ambiente em que está inserido.

Para auxiliar educadores na tarefa de ensinar a leitura, foram desenvolvidos, ao longo da história, diversos documentos. O que está em vigência no momento é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que apresenta competências nas etapas da educação básica.

¹ Artigo apresentado à disciplina de doutorado: Concepções de leitura e letramentos no ensino de línguas.

² Doutoranda em Letras (UNIOESTE).

³ Doutorando em Geografia (UNIOESTE).

O documento ratifica que as práticas de linguagem, como a leitura, ocorrem por meio da interação com os diferentes tipos de textos. Para que isso ocorra, o aprendiz precisa estimular seus conhecimentos, habilidades, valores para que consiga observar problemas da sua vida, de forma crítica, pensar sobre eles e resolvê-los da melhor maneira possível.

Para que as ideias, da construção de um aluno como sujeito crítico-reflexivo, por meio da leitura, se materializem na sala de aula, têm sido elaborados diversos materiais didáticos. O livro de Língua Portuguesa adotado para a rede pública estadual de educação básica para o Ensino Fundamental II do Paraná foi: “Português: conexão e uso - 6º ano”, da editora Saraiva, do ano de 2018. O material foi indicado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) e foi adotado pelas escolas, no Paraná. A análise feita foi do manual do professor para que fosse possível observar quais comentários e instruções o livro apresenta para o docente que utilizará o material.

O objetivo do artigo é analisar como são apresentadas as atividades de leitura no livro didático e se estas atividades contribuem para o desenvolvimento da leitura crítico-reflexiva, para que o aluno aprendiz questione a sua realidade e não seja apenas ensinado a decifrar o código presente no texto. A metodologia deste trabalho foi a análise documental da unidade I do livro.

Dessa forma, este artigo apresentará, na primeira parte, uma reflexão sobre a leitura e em seguida, a análise da unidade I do livro Português: conexão e uso - 6º ano.

I. LEITURA EM SALA DE AULA

Freire (1987) explica que, antes de ingressar na escola, a criança já é conhecedora do mundo que a rodeia e, portanto, leitora deste. Segundo o autor,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. (FREIRE, 1987, p. 11-12).

Entende-se que, ao ingressar na escola, a criança já traz consigo um conhecimento de mundo, portanto, já conhece formas de interagir com ele, e cabe à escola ensinar a leitura da palavra, ou seja, desvendar o mundo da escrita, a fim de ampliar o entendimento do aluno sobre a realidade que está à sua volta. Kleiman (1999, p. 13) menciona: “pode-se dizer, com

segurança, que, sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor, não haverá compreensão”.

Destarte, ensinar a leitura é, primeiramente, propiciar condições para que o aluno saiba utilizar os recursos disponíveis e, a partir do seu conhecimento de mundo, ser capaz de inserir-se em uma prática leitora produtiva.

É possível dizer que, é função da escola propiciar ao aluno o domínio da leitura, não apenas enquanto decodificação de um código, mas como oportunidade de reflexão sobre o mundo. A compreensão de leitura apenas como decifração do código linguístico, por parte do leitor, é fragmentada, afinal, para que a leitura ocorra de maneira eficiente, é necessário ir além das palavras explícitas no texto.

Kleiman (1999) diz que vários níveis de conhecimento entram em jogo na leitura: conhecimento linguístico, conhecimento textual, conhecimento de mundo/enciclopédico, conhecimento compartilhado. Assim, para que o trabalho com a leitura ocorra de maneira satisfatória, é necessário desenvolver no aluno a prática de leitura racional e crítica.

O ensino da leitura se torna mais produtivo ao ser trabalhado a partir de estratégias e técnicas educacionais, levando o aluno à compreensão do mundo, pois mais importante do que ler é compreender o que se lê.

O conhecimento de mundo não deve ser ignorado pelo professor, mas deve ser trabalhado, a fim de somá-lo às experiências de todos, contribuindo para ampliar o conhecimento do aluno. O professor deve trabalhar com textos que estejam relacionados ao mundo do aluno, que despertem o interesse e a curiosidade nele, pois este deve sentir-se motivado à realização da leitura. Contudo, para que isso ocorra, o texto a ser trabalhado deve despertar o interesse no aluno, gerando uma relação interlocutiva.

Martins (1992, p. 15) afirma: “certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para pode ir além dele”. Desta forma, a leitura está amplamente ligada à capacidade de o aluno interpretar a realidade que o rodeia, pois, por meio da leitura, seja da palavra ou do mundo, o indivíduo consegue se relacionar com a sociedade, estabelecer a comunicação com os demais sujeitos e posicionar-se frente às regras que regem a sociedade e, assim, constituir-se como cidadão crítico-reflexivo.

1.1 Leitura crítico-reflexiva

A partir da concepção de que ler não é apenas decodificar signos linguísticos, é preciso ficar claro, entre os docentes, o que envolve a compreensão de um texto e também como se forma um leitor crítico-reflexivo. A compreensão do que é um leitor ganha destaque ao se pensar que, ao fim da educação básica, o aluno precisa ser capaz de compreender o que lê, além de ser capaz de usar a língua materna como parte de sua organização de mundo e de sua identidade.

Nesse contexto, é imprescindível, ao cidadão, a leitura crítica e reflexiva, afinal a leitura é considerada um ato político, a partir do momento em que o leitor consegue fazer questionamentos e intertextualidades com outras leituras e com a própria vivência, a partir do que lê, dialogando com o texto e entendendo os diferentes sentidos presentes nele.

Assim, a leitura, ao invés de ser mecânica, passa a ser um instrumento importante para a formação do indivíduo e para a sua integração na sociedade. Existem vários contextos que podem oferecer a oportunidade do desenvolvimento da leitura ao sujeito, porém é a escola a instituição fundamental nesse processo. Sendo assim, ao trabalhar a leitura, o professor precisa levar o aluno a ir além do que está explícito, levá-lo a entender o que está no contexto e no próprio leitor, criticando e avaliando as informações. Assim, trabalha-se com a leitura crítico-reflexiva.

Sob essa ótica, vale mencionar o pensamento de Paulo Freire acerca do processo de leitura e da compreensão do texto, pois, para o autor, por meio do despertar crítico em relação ao que se lê, o aluno compreende e relaciona o texto e o contexto.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p. 261).

Destarte, no contexto escolar, a leitura possibilita que professores e alunos transformem suas experiências pessoais, além de atuarem crítica e conscientemente na sociedade, configurando-se, então, como um instrumento político-pedagógico. Para Freire, “ler significa representar a afirmação do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca” (FREIRE, 2003).

Em vista disso, para ser um bom leitor, é preciso conhecer a realidade e olhá-la com interesse e com senso crítico, com o intuito de interpretá-la e transformá-la. Cabe, então, à escola, não apenas ensinar o código, mas possibilitar ao educando a construção dessa perspectiva, em que a leitura seja praticada de modo a elucidar e visualizar a dinâmica social, perpassando-a, em uma proposta libertadora. Martins (1922) esclarece:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidade fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura. (MARTINS, 1992, P.34)

Para isso, é preciso que os textos trabalhados em sala de aula possibilitem essa formação crítica, pois os alunos, em geral, tendem a assimilar como verdadeiras as mensagens passadas pelos professores, por meio das leituras, sobretudo das que compõem os livros didáticos. Dessa forma, obviamente, os textos devem ser significativos e coerentes com a realidade, com temas relacionados ao repertório linguístico e às vivências dos alunos, para que permitam, de fato, uma leitura crítico-reflexiva.

1.2 As concepções de leitura

A prática da leitura permite que o sujeito interprete a sua realidade e reflita sobre ela, relacione-se com outros e ainda expanda as suas possibilidades no mercado de trabalho. Sendo assim, é fundamental que a prática da leitura, em sala de aula, sobretudo, esteja voltada para o desenvolvimento crítico do leitor. Para isso, o ato de ler não pode se resumir apenas à decodificação do código escrito, mas deve ser encarado como uma prática social. É nesse contexto que entram as concepções de leitura e faz-se necessária a compreensão de como elas contribuem para a formação do leitor proficiente e crítico.

Para que haja, de fato a compreensão do texto lido, o leitor precisa fazer inferências com os seus conhecimentos prévios, indo, então, para além do texto e construindo diferentes sentidos. Então, de acordo com Castela (2011) é preciso compreender, primeiramente, quais são as concepções de linguagem, já que o sujeito se constitui a partir da troca de informação com os outros, ou seja, por meio da interação com outras pessoas. Sendo assim, as

concepções de linguagem estão relacionadas ao modo como a língua, o sujeito e a interação acontecem, pois existe uma relação de interdependência entre esses três pontos.

Dessa forma, as concepções de linguagem, explicadas por Castela (2011), são: linguagem como expressão do pensamento, segundo a qual a linguagem é uma cópia do que os indivíduos pensam e está relacionada às gramáticas normativas; linguagem como instrumento de comunicação, que emprega a linguagem apenas para transmitir informações, por meio do emprego da língua padrão, sem considerar o contexto social e a interação verbal; e linguagem como interação, a qual visa à troca de experiências e à interação entre os sujeitos que a utilizam, considerando-se o contexto social em que eles estão inseridos e permitindo-lhes que sejam ativos, que interajam com o meio e com os outros, de forma crítica e significativa.

A partir desses conceitos, dão-se as concepções de leitura, as quais são importantes para a compreensão de como o ato de ler é constituído e como, ao se trabalhar com a leitura, em sala de aula, a concepção ou as concepções escolhida(s) pelo professor determina(m) o entendimento por parte do aluno e a construção de sentido que ele faz do texto.

A primeira concepção de leitura, conforme explica Castela (2011), é também chamada de ascendente e se refere à linguagem exclusivamente como expressão do pensamento, pois o leitor apenas recebe as informações do texto. Sendo assim, o sentido do texto lido está centrado no autor e o leitor precisa, simplesmente, decodificar essas informações. Enquadram-se nesse tipo de leitura os exercícios – a exemplo dos questionários – que, para serem respondidos, exigem apenas uma leitura superficial do texto, já que a resposta é óbvia e, muitas vezes, o próprio comando da questão já direciona o aluno à resposta.

Para Castela (2011), na segunda concepção de leitura, chamada de descendente, o foco está no leitor e em seu conhecimento de mundo. Ou seja, o aluno recorre ao que já sabe ou pensa sobre o assunto tratado para responder as perguntas sobre o texto.

A terceira concepção de leitura, de acordo com Castela (2011) é chamada de interacional e é pautada na linguagem como interação, pois exige a que o leitor interaja com o texto. Nesta, o leitor precisa recorrer tanto ao seu conhecimento prévio quanto às informações presentes no texto.

Nesse contexto, surgem alguns questionamentos: como os materiais didáticos abordam as questões de leitura? As atividades propostas proporcionam momentos de

reflexão para a construção desse sujeito crítico-reflexivo? São atividades para além de apenas “decifrar” o código? Para responder estas questões, será apresentada uma breve análise da primeira unidade do material didático Português: conexão e uso - 6º ano.

2. COMPETÊNCIAS E EIXO LEITURA NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, homologada em 2017, é, na atualidade, a referência nacional para a formação dos currículos dos sistemas e das redes escolares do Brasil e, em seu documento, são definidas dez competências que os estudantes devem desenvolver, em cada etapa da educação básica. Essas competências estão relacionadas às aprendizagens essenciais dentro de cada área do conhecimento e envolvem a mobilização de conceitos, procedimentos e habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais, além de atitudes e valores que auxiliam o indivíduo a resolver problemas do cotidiano, exercendo o seu papel de cidadão. Para a língua portuguesa, as dez competências específicas são:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e

encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (BNCC, BRASIL, 2017, P. 87).

Além das dez competências gerais, cada disciplina possui algumas competências específicas, as quais apontam como as gerais se expressam dentro de cada área, e são previstas para os nove anos do ensino fundamental.

O conceito de competência, adotado pela BNCC, marca a discussão pedagógica e social das últimas décadas e pode ser inferido no texto da LDB, especialmente quando se estabelecem as finalidades gerais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Artigos 32 e 35). [...] Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BRASIL, 2017, p. 13).

A partir da análise desses trechos, da BNCC, infere-se que todas as atividades pedagógicas referentes à leitura devem estar pautadas em objetivos que visem ao desenvolvimento dessas competências.

Em relação à linguagem, A BNCC adota uma perspectiva enunciativo-discursiva, segundo a qual essa forma de comunicação é utilizada entre os indivíduos com uma finalidade específica, sendo, então, uma espécie de interlocução que sempre existiu nas sociedades (BRASIL, 1998, p. 22). A partir desse conceito, é pautado o Interacionismo Sociodiscursivo, de acordo com o qual, a linguagem exerce papel essencial para o desenvolvimento humano.

É nesse ínterim que a BNCC propõe o ensino dessa área, em que o texto assume a centralidade, como unidade de trabalho/estudo, sempre relacionado aos diferentes contextos de produção, a fim de que o aluno possa desenvolver o uso significativo da linguagem (BRASIL, 2017, p. 65).

Nesse contexto, entram as atividades de leitura, constituindo-se como um processo que se realiza nas práticas sociais e nos diversos momentos da história da sociedade. Segundo Kleiman (2004), quanto mais o indivíduo é exposto a diferentes tipos de textos, mais eficiente se torna a sua compreensão, já que essa prática contribui para que ele aprimore

as suas estratégias de leitura e melhore as inferências e a interpretação do que se lê. Contudo, não basta que o aluno entre em contato com diferentes textos para se tornar um bom leitor, pois, para isso, essas estratégias precisam ser ensinadas.

Sobre o eixo da leitura, segundo a BNCC:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador, com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BNCC, BRASIL, 2017).

Assim, a BNCC orienta que seja priorizado, nas aulas língua portuguesa, o ensino das estratégias de leitura, ao afirmar que o estudante precisa, ao final do ensino fundamental, ser capaz de: formular hipóteses, antes mesmo da leitura dos textos; ativar seus conhecimentos prévios; testar essas hipóteses durante a leitura, participando ativamente da construção do sentido do texto.

Percebe-se, dessa forma, que a leitura, no contexto da BNCC, abrange um sentido mais amplo, pois diz respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica essa leitura, em muitos gêneros digitais, fator que está relacionado às competências que o aluno precisa atingir ao longo da vida escolar.

A partir dessas considerações, sobre a BNCC, e tendo como foco o ensino da leitura, será feita uma análise da unidade I do livro didático “Português: conexão e uso”.

No âmbito da leitura, a BNCC ressalta que o professor do ensino fundamental, anos finais, deve propor estudos de textos literários, para oportunizar o aluno a aumentar o repertório linguística, além, é claro de proporcionar uma maior interação com o diferente. Nesse sentido, o campo artístico-literário dialoga com a literatura, valorizando os textos literários e, conseqüentemente, contribuindo com a formação do leitor competente – denominado pela BNCC como leitor-fruidor –, o que acontece quando ele consegue compreender os diferentes sentidos desse tipo de texto.

Para a BNCC, esse tipo de leitor é aquele capaz de exercer empatia e diálogo diante de uma situação socioemocional. É o cidadão emocionalmente educado, por meio dos valores

ensinados pela literatura, já que esta é capaz de ensinar comportamentos, crenças, valores diversificados, conflitos, desejos, dentre outros sentimentos que permitem a compreensão do sujeito como participante de uma sociedade diversificada, cujas diferenças devem ser respeitadas.

Enfim, a partir desses apontamentos trazidos pela BNCC, fica clara a importância de se incentivar a leitura em sala de aula, a partir de diferentes textos e mídias, a fim de que o interesse por textos mais longos (literários) possa ser, de fato, despertado nos alunos, até o final do nono ano.

3. ANÁLISE DE ATIVIDADES PARA COMPREENSÃO LEITORA DA UNIDADE 1 DO LIVRO PORTUGUÊS CONEXÃO E USO

O livro Português: conexão e uso - 6º ano é indicado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), foi adotado, em 2020, em todo o estado do Paraná. Fazem parte dessa coleção quatro livros, para serem utilizados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. As autoras da coleção são: Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, ambas licenciadas em Letras e professoras das redes estadual e privada de São Paulo.

Este livro está dividido em 8 unidades, com dois textos para leitura por unidade e atividades de interpretação e gramática. O material também apresenta atividades para serem feitas de forma virtual, atividades colaborativas em grupos e projetos de encerramento de unidade. De acordo com as autoras, o material está pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Sobre a coleção, o site da editora Saraiva (2020) explica que:

A nova coleção Português: conexão e uso foi elaborada propondo um estudo que auxilia o aluno a ler o mundo em que vive, a refletir sobre si e sobre a realidade que o cerca e a interferir de forma participativa e transformadora em sua comunidade [...] para garantir a formação do aluno como leitor ativo e crítico. [...] Ao longo de cada livro, os alunos são incentivados a refletir sobre temas do cotidiano e como suas ações podem causar impacto local, regional e globalmente. (SARAIVA, 2020, P.1)

Na introdução do material, nas páginas destinadas ao professor, as autoras apresentam uma parte intitulada: “O trabalho com a leitura na coleção” que:

Aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do aluno com o texto verbal ou semiótico, com base na fruição, compreensão, interpretação e análise de gêneros textuais. [...] Correlacionada ao texto da seção Leitura pela temática e/ou vivências do aluno, são propostas atividades que procuram levar o aluno à reflexão e discussão acerca de temas transversais e de temas contemporâneos, explorando

atividades e valores sociais, culturais e humanos, desenvolvendo competências como a valorização do conhecimento, a diversidade humana, o senso estético, o respeito aos direitos do outro, entre outras. (DELMANTO E CARVALHO, 2018, P. 18)

Nessa introdução, ainda são apresentados alguns objetivos das atividades de leitura para os alunos. Por exemplo, “elaborar conclusões não explicitadas no texto com base em outras leituras, experiências de vida, crenças ou valores” e assim, “ projetar os significados do texto para outras vivências e realidade; relacionar informações do texto ao conhecimento cotidiano” além de “analisar criticamente os textos: apreciar, avaliar a temática e a validade das informações e/ou opiniões emitidas. (DELMANTO E CARVALHO, 2018, P. 19)

Neste artigo será analisada a primeira unidade do referido material didático. Verificar-se-á se as questões de leitura são formuladas para que o aluno se desenvolva como um sujeito crítico-reflexivo, trabalhando para além da decodificação de um código. As atividades do livro didático estão no final deste artigo, na parte “anexos”.

O título da Unidade 1 é “Da vida real à ficção”. A primeira atividade, na página 11, refere-se aos desenhos apresentados. São 4 perguntas que trabalham conhecimentos prévios associados às imagens.

As perguntas 1 a 3 exploram a imagem, enquanto a pergunta 4 pede que o aluno crie uma história, trabalhando com a criatividade, procurando imaginar o que está além das imagens. A questão um explora a leitura descendente, haja vista que o leitor precisa usar o seu conhecimento de mundo para respondê-la. Já a questão dois está centrada nas imagens e exige do aluno apenas a observação destas para respondê-la, privilegiando, dessa forma, a leitura ascendente. A questão três é interacional, pois o aluno precisa da figura e de seu conhecimento prévio para dizer a resposta. A quarta questão aborda a concepção descendente na primeira indagação cuja resposta é pessoal e a interacional na segunda pergunta da quarta questão, pois o aluno, para respondê-la, precisa fazer inferências e ir além do texto.

A atividade seguinte, na página 12, se intitula “Leitura 1”. Começa com algumas perguntas de leitura prévia referentes à capa de um livro, do qual foi retirado o texto que será estudado nesta seção. Essa atividade se utiliza de uma estratégia que permite ao aluno desenvolver melhor a capacidades de leitura, pois, ao fazer inferências, ele relaciona as informações explícitas do texto ao seu conhecimento de mundo, gerando sentido para o que está implícito.

Após as questões prévias, são apresentados dois textos que pertencem ao livro, cuja capa é explorada no exercício anterior. Os textos para a leitura seguinte servem de base para as posteriores atividades e são intitulados “A sociedade dos espiões invisíveis” e “Uma notícia pela metade”.

Em seguida é apresentada a parte “Exploração do texto”, na página 16. As perguntas 1 e 2 abordam a tipologia textual narrativa. A pergunta 3 pede que os alunos completem uma tabela sobre os personagens e respondam a algumas perguntas.

A primeira questão, letra “a”, pede que os alunos tirem partes do texto para justificarem como uma das personagens se vê. Nas outras questões, “b”, “c”, “d” e “e”, o livro do professor sugere algumas respostas, porém, aponta que estas são pessoais e, sendo assim, o aluno pode escrever a sua explicação/justificativa. Para Menegassi (2010), esse tipo de atividade, apesar de atribuir um papel ativo ao aluno, não privilegia os aspectos sociais da leitura, haja vista que qualquer interpretação por parte dele é aceita. Dessa forma, essas questões abordam a leitura com foco no leitor, pois o ato de atribuir significado ao texto depende dos conhecimentos prévios dele em relação ao assunto abordado. Sendo assim, segundo o autor, a qualidade da leitura depende da qualidade dos conhecimentos do leitor.

A questão “b” pede que o aluno justifique o motivo de a personagem ser esquisita, na visão das outras pessoas. A letra “c” pede a opinião do aluno sobre a personagem ser “esquisita”, por não ter pai, assim o aluno precisará analisar a visão preconceituosa dos outros personagens. Na letra d, é preciso explicar o modo de pensar preconceituoso da personagem. Na letra e, é preciso explicar como o aluno vê a personagem principal da narrativa.

Com essas questões, o aluno pode iniciar o questionamento das ações dos personagens da narrativa e de suas ações, percebendo que eles julgam os outros, o que não é correto fazer. Porém, essas reflexões precisam ser exploradas pelo docente. O aluno, nessa idade (em média, 10 anos), pode, muitas vezes, não perceber essas questões e pode continuar com a sua visão, também preconceituosa, sobre a personagem. Além disso, os alunos que se encontram na mesma situação da personagem, podem sentir-se incomodados. Por isso, algumas instruções são apresentadas para o professor, nas notas ao lado de cada atividade.

Primeiro, é apresentada a habilidade da BNCC em que é proposto trabalhar com a inferência “de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo”. Ao

lado, é enfatizado o exercício letra “c”. É apontado que a questão é delicada, pois podem existir alunos que vivenciem uma situação parecida com a da personagem. O livro sugere que seja explorado o ser diferente, enfatizando o respeito a todos, falando sobre preconceito e discriminação. Essas problematizações são exploradas nas questões 4 e 5.

Na questão 4, o aluno deve responder ao questionamento sobre a família normal. Na letra “a”, a resposta é do texto e refere-se à visão da personagem. Porém, a letra “b” pede que o aluno fale/escreva sobre sua opinião em relação às famílias serem todas diferentes. Trata-se de uma pergunta muito interessante, visto que, em geral, os alunos possuem estruturas familiares diferentes. Essa questão motiva o aluno a pensar sobre a realidade em que vive, sobre seu núcleo familiar, além de explorar o fato de que suas relações, nesse ambiente, podem não ser como ele gostaria e que existem outras pessoas, como a personagem, na mesma situação. Esse tipo de questionamento exige que o aluno acione o seu conhecimento de mundo, fazendo-o sentir-se valorizado, já que a sua contribuição em relação ao tema discutido soma-se às dos colegas, ajudando a atribuir sentido ao texto.

Na questão 4, a letra “a” exige que o aluno faça comparações entre as personagens e pessoas da vida real, além de julgar as próprias personagens, de acordo com seus valores e seu ponto de vista. Sendo assim, esta questão privilegia a leitura interacional, pois o aluno precisará acionar os seus conhecimentos lexicais, semânticos e sintáticos, a fim de compreender o enunciado da questão e respondê-la de acordo com ele. Já a letra “b” é descendente, pois está centrada no leitor e em seus conhecimentos prévios e, para respondê-la, o aluno precisa recorrer ao que já sabe, mas sem a necessidade de sair do texto.

Sobre o aluno pensar de forma crítica a respeito da realidade em que está inserido, as perguntas 6 e 7, página 17, exploram o ser diferente dos outros. Estas perguntas proporcionam momento de discussão, enfatizando que os seres humanos são diferentes e pensam de forma diferente, sendo, então, importante respeitar cada pessoa. São perguntas não apenas de decodificação do texto, pois elas fazem com o que o aluno recorra aos seus conhecimentos prévios e construa sua criticidade, questionando comportamentos e ações que ele pode ter visto ou vivenciado na sociedade, contemplando, então a abordagem descendente da leitura, pois ao exigir que o aluno reflita sobre a sua realidade, enfatizam-se os aspectos cognitivos e sociais do conhecimento, sendo a resposta pessoal para cada aluno.

Existem algumas instruções para o professor abaixo das atividades, ainda na página 17, que explicam o que deve ser explorado nas questões “crítico-reflexivas”; de acordo com o material, é importante que o professor aponte essas problematizações e enfatize, por exemplo, nessa questão, os diferentes valores familiares e as mesmas necessidades que todos têm, como seres humanos, inclusive no que tange ao respeito e ao direito de escolha.

Para iniciar o trabalho com os aspectos gramaticais, na página 17, primeiramente é solicitado que o aluno analise alguns recursos expressivos utilizados no texto, relacionando-os aos seus significados (exemplo: “es-qui-si-ta”: separação de sílabas para enfatizar o que se diz).

A próxima atividade, página 18, utiliza a gramática internalizada para solicitar do aluno a relação entre algumas expressões adverbiais e a circunstância expressa por elas, em alguns trechos retirados do texto, solicitando, em seguida, uma breve análise sobre a importância desses recursos linguísticos.

O trabalho com a gramática dessa forma é interessante porque leva o aluno a refletir sobre a língua em situação de uso, cujas regras gramaticais são implícitas e, assim, o falante as usa, muitas vezes, sem ter consciência delas. Dessa forma, quebra-se com o paradigma de que a gramática é difícil e chata, pois o aluno consegue entendê-la, associando, implicitamente, suas regras aos diferentes contextos de uso da língua.

Sob essa mesma perspectiva, o livro didático analisado apresenta outras atividades gramaticais relacionadas a tempos verbais, a pronomes e aos discursos direto e indireto.

Após essas questões de exploração do texto, sob a acepção da leitura e do estudo do texto, a unidade apresenta uma atividade que instrui o educando a como fazer uma pesquisa, nas páginas 20, 21 e 22, passando-lhe dicas sobre como criar uma questão investigativa, a fim de que o foco, em uma pesquisa, seja mantido. Após passar as instruções a respeito dessa prática, é solicitado que o aluno elabore algumas questões investigativas sobre o “*bullying*”, tema central de discussão no texto trabalhado.

Primeiro, o livro apresenta algumas instruções sobre a pesquisa, com o objetivo de mobilizar práticas da cultura digital e utilizar diferentes linguagens e mídias, com o intuito de oportunizar, ao aluno, o aprendizado e a reflexão sobre o mundo, expandindo suas formas de produzir sentidos.

Essa seção, além de passar mais algumas instruções sobre a pesquisa, também vem ao encontro da décima competência específica da Língua Portuguesa para o ensino fundamental, proposta pela BNCC, segundo a qual se devem mobilizar práticas da cultura digital e utilizar diferentes linguagens e mídias, com o intuito de oportunizar, ao aluno, o aprendizado e a reflexão sobre o mundo, expandindo suas formas de produzir sentidos.

Além de contemplar a competência dez, de língua portuguesa, essa atividade também contempla a três - a qual prevê a leitura de textos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade (BNCC, 2017, p. 87) - e a seis - segundo a qual, o aluno precisa posicionar-se de forma crítica e ética, ao analisar informações, argumentos e opiniões manifestadas em interações sociais e nos meios de comunicação (BNCC, 2017, p. 87).

Nesse sentido, o material didático analisado traz uma parte da unidade voltada ao uso das tecnologias, cujo título é “Cultura digital - pense nessa prática”. Para essa seção, traz-se um texto que enaltece a pesquisa escolar por meio dos recursos digitais, porém adverte o aluno sobre o uso correto e a importância de se escolher fontes confiáveis para esse fim (Título do texto: “Pesquisa escolar na internet - cheque as informações!”). Essa seção é finalizada com a subseção “Você sabia?” e com algumas dicas ao aluno, a fim de que ele não seja enganado em suas pesquisas no meio virtual.

Em seguida, ainda na unidade 1, é apresentada a seção intitulada “Do texto para o cotidiano”, na página 23. Antes de trazer as atividades direcionadas aos alunos, o livro do professor apresenta o objetivo dessas atividades, a fim de direcionar melhor o trabalho do docente: “o objetivo desta seção é construir a autonomia dos alunos, desenvolvendo competências emocionais como a capacidade de fazer escolhas construtivas” (DELMANTO E CARVALHO, 2018, P. 23).

Ainda nesta parte, é sugerido que, se o professor perceber que é necessário, pode abordar questões sobre o *bullying*. Assim, é possível perceber que as autoras do material sinalizam para o docente a importância de proporcionar momento de reflexão além do texto, trazendo assuntos da vida do aluno e auxiliando-o a tornar-se um sujeito questionador da sua realidade.

Nesta seção, na mesma página, a unidade 1 traz o texto intitulado “Convivência dentro e fora da escola: tolerância e respeito”, cujo objetivo é, por meio da intertextualidade

com um trecho do livro, de uma autora uruguaia, intitulado “Quem tem medo de Demetrio Latov?”, também relacionado ao *bullying*. O objetivo dessa leitura é levar o aluno a refletir sobre essa prática e seus malefícios, mostrando um personagem, um menino de 12 anos, que não tem amigos e que nunca tinha ido à escola. No trecho transcrito, ele conta como foi o seu primeiro dia de aula.

Para fazer jus ao nome da seção, ao final do texto, o aluno é convidado a expandir a sua pesquisa relacionada ao *bullying*, iniciada na seção anterior, e também é instigado a refletir sobre situações como essas, vivenciadas pelos personagens, se elas são comuns no seu cotidiano escolar, orientando-o também a implementar sua pesquisa, procurando, na internet, em fontes confiáveis, artigos e reportagens voltados ao assunto.

Essa atividade visa a desenvolver a autonomia do aluno e também vem ao encontro do que está previsto na BNCC, no que tange ao trabalho com a leitura, no ensino fundamental, no sentido de se contemplar a cultura digital, além de diferentes linguagens, levando o leitor a compreender dimensões inter-relacionadas também à reflexão, haja vista que, por meio dessa atividade, o aluno faz inferências relacionadas à sua vivência e desenvolve o senso crítico.

Ainda sobre o tema bullying, o livro sugere, no final da página 23, ao professor que assista ao filme “Extraordinário”, junto aos alunos. Nessa ficção, um menino sofre a indiferença e a intimidação de alguns colegas da escola, devido a uma deformação em seu rosto. O livro também sugere discussões em grupos e uma ação coletiva, envolvendo a comunidade, a fim de evitar e combater essa prática, contribuindo para a expansão da leitura de mundo do aluno, a respeito do tema abordado.

A próxima seção do livro, página 25, é intitulada “A língua não é sempre a mesma”. Nesta, há um diálogo indireto com o aluno, informando-lhe que a personagem do texto (Pilar) tem um blog. Percebe-se, aqui, novamente a intenção de trazer a tecnologia digital para a sala de aula, ao mesmo tempo em que se é discutido o fato de a linguagem poder ser também informal, já que nos blogs, os posts e comentários são mais livres e as pessoas, muitas vezes, escrevem da forma como falam. Em seguida, o livro analisado traz alguns exercícios sobre o uso da língua e outros de fixação sobre os conteúdos gramaticais estudados (verbos e tipos de discursos).

Ainda em relação à BNCC, no que tange às competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, essa parte do livro contempla a competência um, a qual é apresentada conforme a necessidade de o aluno compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, e social, capaz de construir identidades de quem a usa e da comunidade a que esses usuários pertencem.

Foi possível perceber que, na primeira unidade do material “Português: conexão e uso”, este apresenta questões que proporcionam momentos para que o aluno reflita sobre sua realidade e seus problemas do cotidiano. São questões que não ficam apenas na estrutura ou na superfície do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a leitura tem o poder de ampliar a percepção de mundo do aluno, a BNCC aborda-a como tema central da Língua Portuguesa e como um dos eixos organizadores dessa disciplina, no Ensino Fundamental. Nesse contexto, o foco do eixo da leitura visa ao desenvolvimento das habilidades que permitem a compreensão e a interpretação de diferentes textos, verbais e não verbais. Sendo assim, cabe ao professor escolher materiais didáticos e estratégias de ensino eficientes e com planejamentos adequados, a fim de se contemplar as competências estabelecidas na BNCC, visando à formação de leitores competentes.

A partir do desenvolvimento do presente artigo, evidencia-se a importância do trabalho com a leitura, ficando claro que ela é, em grande parte, responsável pela formação do sujeito, o qual se pretende “moldar”, a fim de torná-lo cidadão pertencente à coletividade.

Freire (1987) afirma que a capacidade do indivíduo de compreender um texto, por meio de uma leitura reflexiva, dá-se mediante a relação texto-contexto. Assim, ao trabalhar com a leitura, deve-se oportunizar aos alunos diversas experiências de leitura, a fim de levá-los a compreenderem os pontos de vista e as ideologias presentes nos discursos, bem como de auxiliá-los na compreensão das entrelinhas do texto.

Após a análise da unidade 1, do livro didático “Português: conexão e uso”, do 6º ano, pode-se dizer que o material foi produzido, considerando a necessidade de se formar cidadãos críticos, capazes de lerem e interpretarem o mundo em que vivem e, a partir disso, expressarem uma visão coerente, atuando como leitores e produtores de diferentes textos,

além de se tornarem usuários críticos e competentes da língua e das diferentes formas de expressão.

Sob essa ótica, os exercícios analisados focam na linguagem como uma atividade histórica e social, propondo práticas de leitura que permitem ao aluno refletir sobre a sua visão, ajudando-o a rever seus conceitos e a melhorar a sua forma de interpretar o mundo e de se relacionar com as pessoas.

Enfim, foi possível perceber, por meio da análise da primeira unidade do material, que as atividades propostas trabalham com a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, por exemplo, por meio da utilização de imagens. A unidade também aborda temas como preconceito, discriminação, *bullying*, respeito, estruturas familiares diferentes, direito de escolha. São atividades com questões que proporcionam momentos de reflexão para a construção desse aluno como um sujeito crítico-reflexivo, o que vem ao encontro da BNCC, no que tange ao trabalho com a leitura, dentro do que é alicerçado nas competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MEC, **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 de out.de 2020.

DELMANTO, Dileta e CARVALHO, Laiz B. de. **Português: conexão e uso**. Manual do Professor. São Paulo: Saraiva, 2018. Disponível em: https://api.plurall.net/media_viewer/documents/2595924 Acesso em: 15 de out.de 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **A importância do ato de Ler: em três artigos que se completam**. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, Angela B. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MENEGASSI, R. J.; ANGELO, C. M. P. **Conceitos de leitura.** In: MENEGASSI, R. J. (Org.) *Leitura e ensino*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2010.

SARAIVA, Editora. **Coleção Português: conexão e uso - informações.** Disponível em: <https://educacaobasica.editorasaraiva.com.br/pnld/edital/pnld-2020/obra/3763484/>
Acesso em: 11 de nov.de 2020.

_____. **Coleção Português: conexão e uso - informações sobre as autoras.** Disponível em: <https://educacaobasica.editorasaraiva.com.br/pnld/edital/pnld-2020/obra/3763486/>
Acesso em: 11 de nov.de 2020.